

No Marrocos, vitória feminina sobre as leis

Reforma do Código Civil facilitou às mulheres casamento, divórcio e guarda dos filhos e deu direito à partilha de bens

Monica Yanakiew

Especial para O GLOBO

• RABAT. Na terça-feira passada, Fatima Zohra, uma médica marroquina, convidou duas amigas para um jantar de comemoração. Festejaram seus 38 anos e, mais importante ainda, o fim do seu casamento. Ela teve que esperar 19 meses para convencer o juiz a contrariar a vontade do marido e lhe dar o divórcio.

— Fiquei com a guarda do nosso filho e falta ainda assegurar que o pai pague a pensão alimentícia, mas já me sinto vitoriosa. Três anos atrás eu jamais teria obtido o divórcio — disse Fatima.

À primeira vista, nada mais liberal que o Marrocos, um país de maioria muçulmana, que há séculos convive pacificamente com uma importante minoria judia. Nas praias do Mediterrâneo, a poucos quilômetros da Espanha, mulheres cobertas dos pés à cabeça sentam-se na areia ao lado de jovens de tanga e surfistas de cabeleira loura, clareada pelo sol, pelo sal e pela parafina.

Iniciativa da reforma partiu do rei Mohamed VI

Mas a verdade é que as mulheres marroquinas conquistaram muitos direitos somente em fevereiro de 2004, com a nova Moudawana — o Código Civil, baseado no Corão, que o rei Mohammed VI resolveu reformar. Até então, elas não podiam se casar sem o consentimento do pai ou de um tutor. E só podiam pedir o divórcio se houvesse um motivo válido: se eram vítimas de violência doméstica ou se o marido tivesse sumido de casa sem dar satisfação, por exemplo. Ainda assim, tinham que apresentar provas à Justiça.

Para os homens, a realidade era outra. Bastava repudiar a esposa diante do juiz, mesmo sem sua presença ou seu conhecimento, e o divórcio era imediato. Divisão de bens? Nem pensar. Muitas mulheres, expulsas de casa com as crianças



Eve Coulon/Reuters



Monica Yanakiew

UMA NOIVA tradicional (ao lado) no dia de seu casamento. Acima, uma marroquina lê o novo Código Civil

acabavam na rua mendigando.

— Hoje a mulher pode pedir o divórcio alegando incompatibilidade de gênios e todos os bens adquiridos durante o matrimônio são divididos igualmente. Isso é o que está no papel. É fácil implementar a lei? Não é. Os juízes são homens e a mentalidade deles não muda com a mesma rapidez. Mas pelo menos agora as mulheres gozam de uma proteção legal, antes inexistente — diz Saida Drissi, presidente da Associação Democrática de Mulheres.

Uma pesquisa de opinião publicada na semana passada indica que 35% dos marroquinos ainda não tomaram conhecimento da reforma. E que enquanto algumas inovações foram aprovadas pela grande maioria (92% dos entrevistados gostaram das mudanças na lei de divórcio), outras estão sendo rejeitadas. Apenas dois em cada dez marroquinos, por exemplo, aceitam que

uma mulher possa se casar sem o consentimento do pai ou de um tutor. Por quê?

Segundo o costume (e também a realidade econômica), uma mulher volta para a casa dos pais se o casamento der errado. A responsabilidade do erro é compartilhada. Mas se ela escolher o marido sem consultar a família terá que assumir o fracasso sozinha. E isso assusta, diz Merieme Yafout, militante do movimento islamita Justiça e Espiritualidade, que chegou a ser proibido pelo governo.

— Muitos acham que os islamistas se opõem às mudanças porque querem manter a mulher submetida. Não é o caso. Nós achamos que de nada adianta mudar a lei, por pressão ocidental, sem levar em conta a realidade de um país onde a taxa de analfabetismo é superior a 50%. Se a mulher do campo não sabe ler e escrever, nem tem profissão, depende da família

para seu sustento. Para ser independente precisa, antes de mais nada, de educação — alega.

Por outro lado, as pesquisas demonstram que a realidade já mudara antes da Moudawana. O novo Código Civil elevou de 15 para 18 anos a idade mínima de casamento para as mulheres.

Custo de vida contribuiu para independência da marroquina

Apesar de manter a poligamia (o Alcorão permite a um homem ter até quatro esposas), o novo código tornou a sua prática quase impossível. Agora o marido depende da aprovação da primeira mulher para casar-se com a segunda.

— As pesquisas de opinião indicam que, mesmo antes da nova Moudawana ser adotada, as porcentagens de casamentos precoces e poligamia eram mínimas. Por motivos econômicos, tanto as mulheres quanto os homens marroquinos preferem casar-se depois dos 20 anos e mu-

ltares vezes depois dos 30 — explicou Leila Rhiwi, uma das responsáveis pela defesa dos direitos da mulher junto à ONU.

Segundo Rhiwi, o aumento do custo de vida e do desemprego contribuiu de forma significativa para a independência das marroquinas. Na pesquisa publicada esta semana, 77% dos entrevistados dizem que a mulher deve trabalhar fora de casa.

— Os homens já não podem arcar sozinhos com todos os gastos da casa e precisam contar com o salário da esposa. Mas ao ter renda própria, a mulher automaticamente ganha independência — diz Rhiwi.

Ainda assim, reformar as leis de família é um desafio, quando não há separação entre o Estado e a religião. Neste sentido, o Marrocos é o segundo país muçulmano mais avançado, depois da Tunísia, que reformou sua Moudawana há décadas. Recentemente a Argélia e a Arábia Saudita concederam maiores direi-

tos às mulheres — mas o que fizeram é muito pouco em relação ao que existe no mundo.

E não se trata apenas de uma questão ligada ao Islã. As famílias judias do Marrocos têm seu próprio Código Civil, que também dá mais direitos ao homem. Os filhos de um casal herdavam mais que as filhas, e a mulher só obtém o divórcio se o marido consentir. Nas duas comunidades, ter filho sem estar casada é falta grave, e o adultério também. Por isso, dizem feministas, a reforma da Moudawana foi importante: está mudando a forma de pensar dos marroquinos.

— Acabamos de publicar um manual sobre assédio sexual e ficamos surpresas com o número de jovens que se queixaram. Antes este tema era tabu — diz Houda Bouzzit.

O desafio agora, dizem as mulheres, é implementar as mudanças. Ou seja, montar instituições capazes de proteger os direitos da mulher. ■

Flamenco moderno inquieta Espanha

Puristas criticam mistura de novos ritmos e músicas à dança tradicional

Graham Keeley

Do Independent

• BARCELONA. Uma batalha enfurece o mundo do flamenco — ao mesmo tempo uma paixão e a mais complexa forma de arte da Espanha. Puristas lutam para evitar que a dança e a música sejam “arruinadas”, como acreditam, por modernistas que estão introduzindo novas influências no gênero. O campo de batalha é a 14ª Bienal de Flamenco de Sevilha, o maior e talvez o mais importante festival do gênero no mundo.

Os organizadores do evento, que começou esta semana, tentam mostrar como a dança passa por uma mudança histórica. Dançarinos famosos, como Eva Yerbabuena, Israel

Galvan, Mario Mayan, Manuela Carrasco e Andres Martin, devem se apresentar.

Domingo Gonzalez, diretor da bienal, disse ao jornal “El País” que acredita que uma nova geração de dançarinos está mudando o flamenco de uma forma nunca vista antes.

— Estamos testemunhando um significativo salto de gerações. Não é o progresso normal trazido pela idade. Esta revolução é particularmente detectável na dança — disse.

Tudo isso incomoda os fundamentalistas, que se opõem a qualquer sugestão de ameaça à pureza da arte. Puristas dizem que o flamenco verdadeiro já foi esquecido há muito tempo e está reduzido aos *tablaos* ou shows para turistas. ■



John Blanding/ NYT Photos

FLAMENCO ANDALUZ: para tradicionalistas espanhóis, dança está muito pop

Santos Dumont e irmãos Wright juntos no céu dos EUA

Demaiselle e Flyer fazem vôo inédito

• Os aviões Demaiselle, do brasileiro Santos Dumont, e Flyer, dos irmãos americanos Orville e Wilbur Wright, voaram juntos ontem, em Dayton, Ohio, nos EUA, num feito inédito. O Demaiselle foi o segundo avião projetado por Santos Dumont. Menos popular que o famoso 14-BIS, é apontado por especialistas como de excepcional estrutura e influenciou o desenvolvimento da indústria aeronáutica no início do século 20.

No comando do avião brasileiro estava o empresário e aviador Fernando de Arruda Botelho, presidente do Instituto Arruda Botelho, idealizador do Projeto Demaiselle. O vôo histórico, que pôs de lado, pelo menos ontem, a rivalidade entre brasileiros e americanos sobre quem é o pai da aviação, aconteceu durante a feira de aviação Flight Feast e partiu também de uma iniciativa da Fundação Irmãos Wright, presidida por Amanda Wright.

O vôo foi acompanhado por oito brigadesiros brasileiros, entre eles três combatentes da Segunda Guerra Mundial: Rui Moreira Lima, José Ribeiro Meira Vasconcelos e Fernando Correa Rocha, do Esquadrão Senta-Pua, que voaram com o Esquadrão 350, dos EUA.

ESCOLHA A MELHOR OPÇÃO!

PENSOU EM IMÓVEIS, FALE PRIMEIRO COM A GENTE. TEMOS O MAIOR E MAIS VARIADO ESTOQUE DE CASAS, APARTAMENTOS, COBERTURAS E IMÓVEIS COMERCIAIS. VISITE UMA DE NOSSAS LOJAS E ELEJA A MELHOR OPÇÃO.

CASA

APARTAMENTO

COBERTURA

SALA COMERCIAL

JULIO BOGORICIN

www.julio bogoricin.com

AFONSO PENA 2187-4650	BARRA 2187-4350	CAMPO GRANDE 2187-4900	COPACABANA 2187-4100	FLAMENGO 2187-4300	IPANEMA 2187-4150	ILHA DO GOV. 2187-4550	IMÓVEIS COMERCIAIS SUL 2187-4300	IMÓVEIS COMERCIAIS NORTE 2187-4700
JACAREPAGUA 2187-4600	JD. BOTÂNICO 2187-4200	LEBLON 2187-4250	MEIER 2187-4500	NITERÓI 2189-4000	RECREIO 2187-4450	SEDE DE LANÇAMENTOS 2187-4000	TAQUARA 2187-4400	TIJUCA 2187-4700
							VILA DA PENHA 2187-4750	CACHAMBI 2187-3700

IMÓVEIS COMERCIAIS: SUA EMPRESA VAI CONHECER UMA NOVA FORMA DE FAZER NEGÓCIOS. AGUARDE!